economia

Informalidade e clima afetam emprego no RS

Cenários do mercado de trabalho no Rio Grande do Sul foram apresentados em evento promovido pela FGTAS

/ MERCADO DE TRABALHO

Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

O Rio Grande do Sul viveu, nos últimos anos, diversas adversidades climáticas que afetaram a sociedade em diferentes âmbitos – inclusive no mercado de trabalho, que ainda enfrenta desafios relacionados às desigualdades e à informalidade. Esses temas estiveram em voga no II Seminário do Observatório do Trabalho do Rio Grande do Sul, promovido pela Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS), em Porto Alegre, nesta terça-feira e quarta-feira.

Um dos dados apresentados durante o evento dimensiona a presença da informalidade no Estado: aproximadamente 1,847 milhão de trabalhadores gaúchos estavam nessa condição em 2025, conforme o conceito utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Embora a proporção seja inferior à média brasileira, o fenômeno permanece associado a desigualdades de renda e de acesso a direitos, conforme os economistas que participaram do evento – embora tenham apresentado visões diferentes sobre o mesmo problema social.

De acordo com a economista sênior do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Lúcia Garcia, entre 2015 e 2025 a ocupação cresceu 14,6% no Brasil, enquanto no Rio Grande do Sul o avanço foi de 5,7%, mostrando uma certa estagnação no mercado de trabalho gaúcho. No mesmo período, a ocupação informal aumentou no País, mas recuou no Estado. A taxa gaúcha de informalidade ficou cerca de sete pontos percentuais abaixo da média nacional.

A análise das causas do fenômeno também foi abordada pelo pesquisador do Instituto Fecomércio-RS de Pesquisa (Ifep), Martin Calvete. Em estudo preliminar, ele examinou fatores que ajudam a explicar por que o Estado apresenta, historicamente, uma taxa de informalidade entre sete e oito pontos percentuais abaixo da média brasileira. As características individuais dos trabalhadores, como escolaridade, gênero, idade, raça e renda, explicaram apenas 0,8 ponto percentual dessa distância, o equivalente a aproximadamente 11% do diferencial. "Não é porque a gente tem características diferentes do Brasil que a gente tem menos informalidade no mercado de trabalho", observou Calvete.

A crise climática também foi abordada pelos painéis. Conforme o pesquisador do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), Guilherme Xavier Sobrinho, os indicadores agregados podem ocultar mudanças importantes na estrutura da ocupação.

FERNANDA BIGIO DAVOGLIO/ESPECIAL/JC



Temas fizeram parte de seminário realizado nos dias 17 e 18 de novembro

Em um estudo apresentado pelo pesquisador, embora a taxa de desocupação do RS não tenha apresentado um salto expressivo no 2º trimestre de 2024, momento marcado pelas enchentes, o Rio Grande do Sul perdeu dinamismo em relação ao restante do País.

